

Areia

marmórea,

areia

memória

CARLOS EDUARDO SCHMIDT CAPELA

N

a relação entre o passo e o rastro, é o primeiro que se impõe ao segundo, marca que se vai degradando até final e fatalmente se apagar, ou é este que

define o primeiro, tendo indelével fixado o rumo, a trajetória tomada, o em caminho? O rastro são passos dissimulados, ou o passo são rastros em excesso? O dilema está no cerne da cultura, e expressa a situação tanto do escritor como do crítico. Talvez apenas o mito permita conjurá-lo, ao preço contudo de uma crença, por si mítica, em sua naturalidade e eternidade, sua pureza e ubiqüidade.

Se o passo, de todo modo, é aquilo que o olhar primeiro escrutina, a obra, difícil é discernir e acompanhar os rastros que levam até ela, e mostrar, nela, a combinação sutil deixada pelos pretéritos em que se desdobra. É este o desafio, *Entre Passos e Rastros*, a que responde Berta Waldman no conjunto de ensaios reunidos sob tal título, nos quais perscruta, identifica e situa, na produção de uma série de escritores brasileiros do século XX, índices da presença de

tradições e inflexões judaicas. O exercício empreendido pela autora descortina um terreno fértil, embora entre nós ainda pouco explorado, para se refletir sobre criações literárias marcadas pela transitividade, pela confluência de elementos culturais caros para a identificação, no sentido étnico, de grupos singulares – o que ela faz com inegável propriedade.

Há hoje, no campo dos estudos literários, a aceitação bastante generalizada da idéia de que nenhuma literatura, e cultura, é íntegra, homogênea e impermeável a influências que lhe são a princípio estranhas. Aceita-se dessa forma o pressuposto de que manifestações culturais, em seu dinamismo histórico, são fenômenos intrinsecamente híbridos. Esse acordo entre os estudiosos, no entanto, se induz a uma postura fecunda e sadia, porque fundada numa crítica que desconfia e desestabiliza perspectivas que operam com base em noções de exclusivismo cultural, não resolve porém o problema crucial de identificar, em obras específicas, traços díspares combinados, e daí discutir modos segundo os quais combinações foram realizadas, para, ao final, inquirir acerca de conseqüências que estas acarretam para o próprio processo cultural. Essa dinâmica, em que a atividade de análise precede e fundamenta a reflexão teórica, orienta o trabalho realizado por Berta Waldman, e constitui um dos pontos altos do livro.

Qualquer investigação que privilegia zonas de contato e de contágio entre tradições e crenças em dado momento apartadas

CARLOS EDUARDO SCHMIDT CAPELA

é professor do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Entre Passos e Rastros (Presença Judaica na Literatura Brasileira Contemporânea), de Berta Waldman, São Paulo, Perspectiva/Fapesp, Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003.

demanda uma exigência básica: são necessários, para a exegese, conhecimentos relativos aos dois ou mais sistemas culturais imbricados pelo fazer artístico e literário, o que implica a mobilização de amplo, porque plural, horizonte de referências. Os ensaios de Berta Waldman são exemplares do grau de erudição nesse caso requerido, e de sua aplicação enriquecedora, já que daí emerge a proposição de leituras inauditas, paciente e consistentemente construídas.

Aqueles dedicados a Clarice Lispector, que integram a primeira parte do livro, fornecem excelente ilustração. Sutis, os movimentos da análise vão se articulando em torno de temas caros à escritora: a indecidibilidade, a fatalidade do silêncio, o fracasso da compreensão, o movimento narrativo em círculo, o deslocamento de personagens e de significantes, as citações ou alusões bíblicas e religiosas, entre outros. O passo seguinte é indicar como, na tradição judaica, esses são temas recorrentes, e, uma vez estabelecida a relação, a autora propõe uma interpretação da obra de Clarice Lispector pelo prisma da ocorrência de uma realocação de motivos e modelos da tradição judaica, sob efeito de pressões oriundas de textos e contextos brasileiros. Esse trajeto, que em linhas gerais perpassa todo o volume e baliza a leitura da obra dos demais escritores examinados, possibilita o descortino, no caso da obra clariciana, de uma faceta até então pouco relevada. Como esta, ao se incorporar àquelas já conhecidas – parte dessas também, por sua vez, tendo respeitado seu papel matricial –, atua de modo a ressignificá-las, o efeito de desdobramento é assim, concomitantemente, ponto de partida e de chegada da atividade crítica.

Exemplares são também os ensaios dedicados a Samuel Rawet, em que alguns aspectos antes discutidos em Clarice Lispector são rearticulados e combinados com novos elementos trazidos à luz pelo trabalho analítico. A busca pela expressão abre espaço para considerações em torno de outra espécie de busca, do mesmo modo fadada ao fracasso, cujo alvo é a identidade. O enfoque no desejo, revelado por diferentes protagonistas das narrativas do escritor, de

conhecer-se e poder, com isso, conhecer o mundo em volta, se por um lado mantém à tona a atenção aos temas do exílio e da errância, permite, por outro, que seja introduzido um novo conjunto de referências à herança judaica, figurando em destaque a lenda do judeu errante.

É notável a lucidez, e a perspicácia, com que a autora indica e explora a relação de tensão ativa que tanto Clarice Lispector como Samuel Rawet entretêm com a tradição judaica. As análises deixam claro que essa tradição, embora em alguns momentos questionada e mesmo denegada, tem inegável importância no universo ficcional delineado pelos dois escritores, sendo inclusive demonstrado o seu papel estruturante em certas narrativas. Evitando simplificações maniqueístas, Berta Waldman tem o cuidado de não perder de vista o caráter complementar dos processos de reativação e renovação da memória do grupo de origem, posta à prova quando deslocada para uma nova realidade social e cultural. Uma observação relativa a *A Hora da Estrela* resume a sua preocupação em valorizar o caráter produtivo de tais processos, que de certo modo constituem imagens centrais da transitividade, para a codificação literária e, também, para a decodificação crítica. Isso porque eles fornecem coordenadas que tornam possível a realização de um trabalho que, nos próprios termos da autora, “opera uma espécie de condensação que permite ao presente reativar um aspecto do passado, e retomar o fio de uma história inacabada para atribuir-lhe sentidos possíveis” (p. 27).

Na introdução do livro, ao responder a uma questão fundamental por ela mesma lançada, relativa aos critérios que poderiam ou deveriam ser utilizados “para considerar judaicos os textos ficcionais em língua portuguesa” (p. XXI), a ensaísta recorre a uma distinção teórica que coordena a sua reflexão. Esta se ancora na identificação, nos textos considerados, de um duplo movimento, que conjuga “o processo de criar referência e o de apontar para o referente” (p. XXI). A distinção é motivada pelo menor ou maior grau de determinação do legado cultural mobilizado pelos escri-

tores cujas obras são discutidas.

A partir desse postulado, fica indicado que Clarice Lispector e Samuel Rawet, juntamente com Bernardo Aizenberg (cujo romance, *Varições Goldman*, é analisado na parte IV), são escritores em que o primeiro processo é predominante. No caso deles, o estudo revela que aspectos da cultura judaica surgem tratados em chave mais abstrata, alusiva, o que demanda um nível de interpretação bastante exigente.

Claro que isso não implica uma postura que desconsidera intencionalidades que teriam movido os escritores quando realizaram as opções e recortes de que resultaram alguns de seus textos, e a simples aproximação de Samuel Rawet com Moacyr Scliar, Roney Cytrynowicz e Samuel Reibscheid, ficcionistas cujas narrativas fazem menção a referências históricas precisas, realizada no ensaio inicial da parte II, é indicativo disso. A leitura mostra que estes últimos, pertencentes à segunda ou terceira geração de judeus fixados no Brasil, preocupam-se não só em explorar situações híbridas advindas da confluência de tradições e práticas judaicas, de um lado, e de tradições e práticas locais, de outro, mas também em resgatar narrativas específicas, relativas à experiência da viagem e do passado numa outra nação. Demonstra-se assim que há, no caso deles, um esforço para operar uma junção entre o que sucede à viagem, a imigração, e o que a precede, a emigração, sendo com isso postulada a ocorrência, no domínio da literatura brasileira contemporânea, sobretudo, de um alargamento no modo de considerar o fenômeno migratório. Resulta daí maior cuidado com sua dupla dimensão, conforme argumento de Abdelmalek Sayad comentado pela autora (p. 170). Ao longo do estudo são assim investigados modos pelos quais cada um daqueles escritores constrói suas obras a partir de posições descentradas, uma vez que eles, “à mercê de múltiplos desterrados, transitam num lugar ambíguo, instável e intervalar, de onde emana sua literatura” (p. 77).

Outro dos eixos que orienta o livro se apóia em discussões acerca da linguagem, o que é inevitável posto que essa define um

espaço privilegiado para a manifestação de vínculos entre qualquer indivíduo e sua comunidade de origem. Consistentemente explorada já nos ensaios dedicados a Clarice Lispector e a Samuel Rawet, a discussão ressurgiu com força na análise de *O que Aconteceu, Aconteceu*, de Jacó Guinsburg, cujos textos são, em boa medida, apreciados a partir da identificação e descrição da expressão lingüística singular que os caracteriza. Conforme atestado pela autora, esta compõe, em mosaico, “uma história da imigração dos judeus no Brasil” que, embora em grande parte desfeita em razão do deslocamento, permanece presente, sendo daí recuperada “não como relato do que passou, mas principalmente como tom, sonoridade, alusão” (p. 143). Nos textos de Guinsburg, com efeito, Berta Waldman discerne ressonâncias tanto do ídiche, língua do cotidiano cujo caráter aberto permite que absorva idiomas diversos com os quais historicamente conviveu, processo que deixa rastros que delinham narrativas, como do hebraico, que ao contrário do primeiro, de matriz oral, transparece na sintaxe e no léxico eruditos, embutindo também ele uma historicidade particular.

A reflexão cuidadosa sobre o plano da linguagem, em busca de codificações dotadas de alto potencial expressivo, culmina com a percepção, na poesia de Moacir Amâncio, de uma hábil e sofisticada imbricação entre o hebraico, de um lado, e o português e outros idiomas, como o espanhol e o inglês, de outro. O exame do processo assim engendrado autoriza a ensaísta a discernir, na poética de Moacir Amâncio, a configuração de “uma linguagem sem casa própria, em situação de exílio” (p. 166), que expressa ambivalência e desenraizamento, além de apontar para a necessidade da preservação da memória, tão cara aos judeus, bem como a qualquer outra comunidade.

A atenção de Berta Waldman converge também para a criação poética de Lúcia Aizim, sendo nesta identificado um lirismo que oscila entre uma tonalidade familiar, traduzida por imagens que emergem do cotidiano, e uma tonalidade memorialística, que assegura o resgate de impressões e tra-

dições. O estudo dessas emanções, feito a partir do acompanhamento de seus ecos sobre o sujeito lírico, que por eles e com eles tanto se orienta quanto se desorienta, possibilita que sejam postos em realce marcos e referências culturais que aglutinam ressonâncias diversas, nos quais modelos e temas consagrados, emprestados por exemplo da Bíblia judaica ou da lírica portuguesa, surgem mesclados a recortes paisagísticos, alusivos à natureza da Europa do Leste (ponto de partida de grande número de judeus emigrados) ou do Brasil. São com isso recompostos recortes privilegiados de processos de negociação subjetivos que tornam viável a expressão, no registro lírico, de modos de inserção judaica no espaço brasileiro.

A Moacyr Scliar, por sua vez, grande destaque é conferido pela ensaísta, que o considera o “representante mais fecundo desse encontro particular nas letras brasileiras contemporâneas” pelo qual são combinadas “duas cosmovisões e [...] duas memórias coletivas tão distantes uma da outra” (p. 130). Ao longo dos ensaios relativos a narrativas do escritor, Berta Waldman vai revelando a ocorrência, nelas, de referências múltiplas, e de ordem variada, que atestam o alcance produtivo de situações marcadas por processos de amálgama cultural, e a argúcia do ficcionista em explorá-las. São apresentadas e discutidas diferentes soluções encontradas por Moacyr Scliar para ilustrar e explorar situações como tais, destacando-se entre essas as que decorrem da presença de personagens híbridas (como centauros e sereias, por exemplo), ou de personagens que experimentam o dilema de optar entre tradições ancestrais e práticas locais majoritárias, que resultam de conflitos ilustrativos de choques culturais entre imigrantes judeus e brasileiros (ou entre judeus recém-emigrados e outros já estabelecidos no país), ou que atestam a inevitável transformação de temas e modelos oriundos da cultura judaica.

O respeito pelo caráter relacional que rege a dinâmica cultural em uma sociedade plural como é a brasileira, patente no conjunto dos ensaios, encontra sua mais alta ex-

pressão no movimento duplo que organiza a análise das narrativas de Moacyr Scliar. A perspectiva centrada nas atitudes e opções de judeus, consideradas segundo o prisma da cultura e das práticas hegemônicas, é então complementada pelo realce conferido à percepção dos nacionais (os *góim*) pelos judeus, aflorando desse exercício contrapontual uma crítica ao jogo recíproco de estereótipos que dificulta a construção das identidades de ambos os grupos, com o que possibilidades de aproximação e integração mútuas são postergadas.

A argumentação tecida pela autora leva, em suma, ao reconhecimento da existência, em particular na literatura brasileira contemporânea, de traços ligados a uma herança tipicamente judaica, e da permanência e persistência desses traços, não mais, entretanto, em suas configurações originais, já que processos de transformações neles ocorridos, sob o influxo de motivos e formas culturais de proveniência diversa, não judaica, são salientados. Nesse quadro, uma crítica que poderia ser feita a um estudo como o de Berta Waldman seria a de que a análise ali realizada, ao privilegiar reflexões acerca de processos de reativação e renovação de uma memória original, incorreria no risco de levar a uma espécie de particularização, com o que tradições relacionadas a um único grupo tenderiam a ser sobredeterminadas, acabando porventura por eclipsar outras tradições minoritárias também importantes, e concorrentes. Embutindo um reconhecimento tácito de um dos grandes méritos do livro, o de mostrar como a herança judaica, com sua inserção na esfera ficcional, que lhe confere novos e imprevistos contornos, ocupa um lugar específico no espaço de diversidade cultural brasileiro, uma objeção feita nestes termos poderia ser refutada com base no pressuposto fundamental do hibridismo cultural, que norteia e embasa teoricamente o empreendimento da autora.

Mas o próprio desenvolvimento do trabalho constitui uma outra possível resposta, e uma aposta prévia, dado que nele fica patente um cuidado constante em realçar, nas obras consideradas, justamente o fenô-

meno da imbricação de heranças culturais díspares, e em explorar alternativas que são assim abertas para a reflexão crítica. A ensaísta, ao mesmo tempo, não se furta de assinalar que as interpretações que realiza no marco das tradições e das experiências judaicas, no Brasil, comportam também uma leitura de âmbito mais genérico. Os ensaios, em outras palavras, embora coloquem os judeus em primeiro plano, expressam situações de conflito e mescla cultural que são resultantes da convivência de qualquer grupo minoritário com uma cultura hegemônica, figurando os judeus, no caso, como ilustração de processos que transcendem as fronteiras de seu grupo. A exemplo do que aparece no título de um dos romances de Moacyr Scliar (*O Ciclo das Águas*), o judaísmo figura num espaço parentético, como uma parte de e em um ciclo que o contém e o ultrapassa, determinando os parênteses não apenas “a presença de outro registro que corre paralelo” (p. 180), como ressaltava Waldman, mas também a presença de outros grupos étnicos que vivem experiências similares de deslocamento, de abalo de referências, produtos quase inevitáveis da emigração.

Essa dinâmica, pela qual especificidades relevadas não deixam de ser vistas também segundo o horizonte da generalidade, pode ser percebida desde a primeira parte do livro, onde o intento da autora, de evitar “transformar Clarice Lispector em escritora étnica, circunscrevendo seu texto a uma espécie de *gueto literário*, mas sim o de estudar o costado judaico de sua ficção como uma expressão da cultura brasileira, que conta com a participação histórica dos judeus” (p. 18), é indubitavelmente cumprido, intento esse que pode ser estendido para os estudos relativos aos demais autores investigados.

São de todo modo recorrentes, nos ensaios, indicações de que os originais examinados comportam uma perspectiva mais abrangente. Naqueles dedicados a Clarice Lispector, por exemplo, os impasses da expressão identificados e discutidos são relacionados ao fenômeno moderno, e comum ao menos a todo o Ocidente, da crise da

representação concebida nos parâmetros do realismo convencional. Os deslizamentos de significantes e os deslocamentos espaciais, por sua vez, traços apontados como característicos tanto de Clarice Lispector quanto de Samuel Rawet e Moacyr Scliar, são de modo análogo interpretados como algo típico da experiência moderna, que os judeus compartilham com outras etnias. A identificação entre judeus e grupos ou indivíduos marginalizados de origem variada, vivendo todos exilados, à deriva e em errância, tal como aparece em originais desses escritores, as discussões sobre a crise de identidade, sobre o exílio de si, sobre o vazio em que se encontra o homem contemporâneo, que a autora divisa inclusive na poética de Moacyr Amâncio, tudo isso revela a preocupação em explorar o caráter abrangente da experiência de quaisquer contatos e confrontos intergrupais.

A atenção para a convivência e interdependência de tradições distintas orienta, desse modo, toda a reflexão realizada por Berta Waldman. Nesse sentido, a parte final do livro pode ser vista como coroamento do trajeto delineado, já que a análise, ali, contempla originais de escritores de ascendência diversa (José Maria de Toledo Malta e Valêncio Xavier sendo colocados ao lado de Moacyr Scliar), que introduzem nas ficções ali consideradas personagens não só de origem mas também de épocas distintas, cujo denominador comum é o exercício da prostituição. Este último ensaio ilustra com perfeição o trânsito complexo entre planos mais específicos e quadros mais amplos, em que identidades podem ser ou são construídas, de modo inesperado e imprevisto. Fica então ainda mais claro que no horizonte projetado pela ensaísta não ficou em absoluto de fora, conforme suas próprias palavras, a aliança entre a “fábula da qual não se sai, a história individual e coletiva, a cultura, e o modo como o sujeito negocia com esses esquemas, a eles se adapta e os reproduz, ou então os contorna, supera, ultrapassa, atravessa, para alcançar ou jamais chegar a alcançar algum ponto carente de medo e remorso, onde algo simplesmente se move” (p. 188).